

Contribuições da animação cultural no âmbito de hotéis de lazer

*Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa¹
Leonardo Lincoln Leite de Lacerda*

Resumo: A atuação em Animação Turística, muitas vezes é embebida da lógica da recreação e do entretenimento. Acreditando que os fundamentos da Animação Cultural são o caminho para criar pressupostos de uma atuação alternativa à Animação Turística, propomos uma reflexão sobre a interface das duas áreas pensando a partir de um dos principais espaços de atuação do animador turístico: os hotéis de lazer.

Palavras-chave: Animação Cultural. Hotéis de Lazer.

Introdução

O objetivo do presente artigo é refletir sobre a interface Animação Cultural e Turismo de Lazer, incrementando os debates sobre os respectivos assuntos. O recorte espacial para tal elucidação é o Hotel de Lazer, que serviu de base para o estágio supervisionado de conclusão de curso para nossa graduação em Turismo. Nesse processo, foram reunidos dados através de pesquisa de campo, sendo estes cruzados com a bibliografia específica do Lazer e da Animação Cultural.

Mais recentemente percebemos que a Animação Cultural e seus pressupostos poderiam apontar alternativas interessantes e enriquecedoras para a ressignificação da atuação dos profissionais que atuam nesses equipamentos turísticos, bem como para os estudiosos do campo acadêmico do turismo. Para melhor apresentação dessas percepções, em um primeiro momento serão expostas as ações tradicionais dos profissionais de recreação nos hotéis de lazer para posteriormente identificar os princípios básicos que norteiam as ações da Animação Cultural, levantando ao final uma intervenção alternativa para os animadores turísticos nos hotéis de lazer.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cleide_tutora@yahoo.com.br

Espaço, turismo e lazer – o contexto dos Hotéis

O tempo é um eixo muito discutido nas concepções sobre lazer. Alguns o tratam como tempo livre, momento institucionalizado para atividades que se encontram fora do tempo de trabalho. Há uma tendência a se considerar o tempo do lazer como “tempo disponível” (MARCELLINO, 1990), pois a idéia de tempo totalmente liberado em nossa sociedade seria impossível dada às inúmeras formas de coerções, implícitas e explícitas, que envolvem as relações sociais.

Existe também a idéia do “tempo conquistado”, que demarca a luta dos sujeitos em priorizar as vivências significativas em um mundo onde há uma ênfase ao mundo do trabalho.

Através dessa relação com o tempo, podemos realizar um diálogo com o Turismo. Sabemos que a definição corrente sobre Turismo está ligada ao deslocamento e pernoite de pessoas em lugar diferente de onde se habita por um período maior que 24 horas. Assim, praticar turismo está relacionado ao simples ato de deslocar, desconsiderando as motivações dessa vivência e a experiência estética que dela pode advir. Dentre outras tendências ao se analisar o turismo, destacamos também a que o compreende em grande parte como uma mercadoria, segmentando-o, como: turismo rural, turismo de negócios, turismo de lazer, dentre diversas possibilidades de divisão.

No entanto, é relevante destacar que em grande parte, o turismo se constitui de atividades realizadas nesse tempo “livre” ou “conquistado”, com exceção do supra citado turismo de negócios, condicionado às relações de trabalho. Além disso, segundo Gomes (2004), os passeios, as viagens são possibilidades de escolha no tempo de lazer.

Para entender lazer e turismo é interessante observar também o eixo “espaço”. Para Gomes (2004) esse eixo vai além do espaço físico, porque os sujeitos podem ressignificá-lo ao se apropriarem dele. Para uma compreensão mais aprofundada, lancemos mão de um conceito de Milton Santos (apud MASCARENHAS, 2007, p. 148):

“O espaço geográfico não é mero palco passivo do acontecer social, mas antes a base ativa de todo movimento, base profunda e dialeticamente articulada aos processos mais gerais da sociedade. Em suma, para compreender o lazer é preciso investigar sua espacialidade, que não por acaso, em nossas grandes cidades, reflete o modelo segregacionista, concentrando os equipamentos de lazer nas áreas mais nobres”.

Ao pensar a respeito da contribuição do pensamento acima, veremos que o eixo “espaço” é importante para compreensão do lazer e traço definidor de suas vivências específicas. Ao se compreender que o elemento não é apenas um “palco passivo”, mas “base ativa de todo movimento”, depreende-se que nenhum espaço é neutro e traz gravado em si características tais como: tensões políticas, sociais, culturais de um povo em um tempo.

Se o espaço é substrato fundamental para a materialização de atividades várias e elemento primordial para entender o lazer, podemos dizer que no Turismo, o espaço é a matéria prima da atividade. Esse pensamento é ainda mais relevante se levarmos em conta a infra-estrutura básica para o turismo receptivo de uma localidade, pois muitas vezes o “atrativo turístico” é a própria cidade devido seus patrimônios (naturais, históricos, culturais, artísticos).

É importante destacar aqui que não se objetiva supervalorizar o espaço para o lazer, ou considerar que o lazer esteja submetido à existência de equipamentos específicos. É patente que quem não tem acesso aos equipamentos específicos pode ressignificar seu espaço, e que a não existência do equipamento de lazer não impede a sua vivência. No entanto, deixa clara as conseqüentes segregações daí decorrentes e da restrição das possibilidades de escolha das pessoas.

Ao considerar estes pontos de vista, torna-se importante repensar o entendimento tradicional sobre o turismo. Não seria possível que o cidadão vivenciasse o turismo em sua própria cidade? Talvez o que motive o turismo, especialmente a atividade turística como opção de lazer, seja o contato com o diferente, contato esse que pode se realizar no próprio local onde se vive, através da emoção estética² de se descobrir novas sensações, emoções e sabores antes não conhecidos.

Outros cuidados e discussões se mostram necessários ser feitos quanto se trata de equipamentos específicos para o turismo, como é o caso dos hotéis de lazer. Nesse sentido, vale já lançar a pergunta: quais conteúdos de lazer estão sendo implementados nesses espaços? Qual a sua a lógica de organização?

Buscando um esclarecimento maior sobre o assunto, a Embratur (2008) qualifica os hotéis de lazer como estabelecimentos direcionados não apenas para estada, mas para recreação ou entretenimento dos hóspedes. Tal direcionamento é observado em suas

² “O ponto de partida para todos os sistemas de estética deve ser a experiência pessoal de uma emoção peculiar [...] Esta emoção é chamada a emoção estética” (LANGER, 1971 p.255).

instalações, tanto nos aspectos arquitetônicos, de engenharia, de equipamentos, quanto nos serviços oferecidos. Dessa maneira, pode-se compreender que esses estabelecimentos deveriam contar com um programa de animação e profissionais específicos da área para que toda esta estrutura seja bem aproveitada. Além disso, o uso dos conceitos “recreação” e “entretenimento” podem fornecer pistas da filosofia de trabalho no âmbito da Animação Turística que norteiam a atuação profissional nessas instituições.

Marcellino³, (citado por ISAYAMA e STOPPA, 2001, p 76), aponta que o que se observa são duas correntes antagônicas a esse respeito. Uma trata o lazer como mercadoria - um pacote fechado, pronto, com o objetivo apenas de distrair as pessoas, as quais são "consideradas apenas como consumidoras de mais um serviço". A outra corrente considera o lazer como uma construção histórica e social, entendendo-o como uma possibilidade de desenvolvimento de "valores questionadores da ordem estabelecida e colaborando com a formação de indivíduos críticos e participantes da sociedade".

O que se tem observado nos hotéis desse ramo, de maneira mais comum, é a visão do lazer de acordo com a primeira corrente. Atuação à qual se dá o nome geralmente de “Animação Turística”, mergulhada em uma visão tradicionalista, na qual os animadores se limitam a oferecer aos hóspedes uma programação, muitas vezes sob insistência dos profissionais que ali atuam, não sendo oferecida ao hóspede nem mesmo a possibilidade de escolher a opção de contemplação, ou de simplesmente se fazer o que se tem vontade no momento.

Em geral o hóspede se torna um sujeito passivo, tendo contato apenas com o produto final, com a atividade formatada, não sendo o sujeito tratado como participante da programação, do planejamento das atividades. Muitas vezes não tem nem mesmo a oportunidade de sugerir, questionar, criticar, opinar sobre tal processo.

Ribeiro (2004, p. 94) coaduna com as nossas percepções e acrescenta que:

“os gerentes/proprietários dos hotéis acreditam que somente participando efetivamente das atividades de lazer dirigidas é que os hóspedes irão retornar e recomendar o hotel a outras pessoas. Assim, passam a sondar e pressionar os animadores para que estes levem os hóspedes a participar de toda a programação de lazer oferecida”.

³ MARCELLINO, Nelson C. “Políticas de Lazer: Mercadores ou Educadores? Os Cínicos Bobos da Corte”. In: MARCELLINO, Nelson C. (org). *Lazer e Esporte: Políticas Públicas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

É importante observar que ainda há um certo amadorismo no segmento turístico, no sentido que se acredita que não seja necessária formação profissional aprofundada para se trabalhar nesse campo. Mas ultimamente há perspectivas de mudanças desse quadro com o crescimento e a valorização da atividade e o aumento do número de instituições superiores que oferecem a graduação em bacharelado, incluindo os de Turismo.

Ainda a despeito dessa crescente profissionalização no setor, há uma visão um pouco deturpada de como deve ser a atuação desse profissional, segundo a qual Marcellino (2000) relata situações em que o profissional no segmento do Turismo de Lazer se submete a papéis constrangedores para chamar a atenção e garantir a diversão dos hóspedes, transformando-se na própria atividade. Além disso, o mesmo autor alerta para a ocorrência da venda da personalidade por parte desses profissionais, que chegam até a afirmar que o bom humor seria mais fundamental que a competência e que para tanto o profissional deve ter alegria, carisma e fazer as pessoas rirem.

Sob essa observação, pode-se fazer uma idéia do perfil do profissional que se costuma valorizar: a pessoa alegre, extrovertida, sempre sorridente e agradável mesmo diante de situações difíceis ou constrangedoras, trabalhando e insistindo incansavelmente para que o hóspede participe das atividades programadas.

“Os animadores [...] preocupados em receber uma boa avaliação de seus patrões, não só direcionam a programação, mas convidam os hóspedes de forma tão insistente e constrangedora que estes acabam participando muito mais por obrigação do que por vontade própria” (RIBEIRO, 2002, p. 96).

Essa forma de atuação dos animadores turísticos acaba tendo uma dupla dimensão de desrespeito. Uma para com os turistas e outra para com sua própria formação profissional, que, muitas vezes, tem de agir mais sob pressão dos proprietários e gerentes do estabelecimento do que pelo que acredita ser mais válido.

Apesar de os estudos sobre lazer cada vez se apresentarem mais desenvolvidos em nível acadêmico, observamos ainda uma tendência comum no mercado de medir a competência desse profissional pela sua capacidade de fazer uma pessoa rir, sem levar em conta o que realmente interessa ao hóspede.

Assim, olvida-se que os profissionais do lazer críticos visam o bem-estar, estado gerado pelas situações em que as pessoas tenham o direito de agir naturalmente, sem pressões.

Portanto, para que o hóspede se sinta assim, o profissional tem que estar "à vontade" com o que faz, mostrando seus verdadeiros interesses.

Não sorrir em tempo integral não significa estado de insatisfação, ou que desempenha sua função sem dedicação.

Confrontar esses preceitos bastante arraigados nas atuações em hotéis de lazer pode ser um desafio interessante para a Animação Sociocultural, que traz pensamentos alternativos.

Fundamentos da Animação Cultural

A Animação Sociocultural tem suas origens na Europa no século XX. Trata-se de um campo de conhecimento atual, que paulatinamente vem presenciando um crescimento de debate.

Observa-se em vários países da Europa que, sob a nomenclatura de Animação Sociocultural, desenvolvem-se diversas correntes de atuação, algumas ligadas à participação social, uma vez que a idéia de Animação Sociocultural é herdeira de movimentos comunitários. Há também tipos de atuação nesse âmbito ligadas à difusão artística e cultural, que concernem a diversas formas de manifestação e expressão de um povo, de uma comunidade. Outras que se relacionam ao que chamam de "Pedagogia del Ócio", ou seja, programas assentados na intervenção pedagógica no âmbito não formal, ligadas estreitamente ao lazer e a ludicidade (TRILLA, 1997).

Diante dessas múltiplas correntes é comum observar que em alguns locais é feita uma segmentação da Animação Sociocultural, analisando-a como se fosse um termo "guarda-chuva", capaz de abrigar inúmeras variedades:

"Todos estes âmbitos implicam o recurso a um vasto conjunto de termos compostos, para designar as suas múltiplas actualizações e formas concretas de actuação: Animação socioeducativa, Animação cultural, Animação teatral, Animação dos tempos livres, Animação sociolaboral, Animação comunitária, Animação rural, Animação turística, Animação terapêutica, Animação infantil, Animação juvenil, Animação na terceira idade, Animação de adultos, Animação de grupos em situações de risco, Animação em hospitais, Animação em prisões, Animação económica, Animação comercial, Animação termal, Animação desportiva, Animação musical, Animação cinematográfica, Animação de bibliotecas, Animação de museus, Animação escolar, etc" (LOPES, 2007 p. 5).

No cenário brasileiro, os estudos sobre o tema ainda são mais recentes, estando as primeiras discussões relacionadas à década de 1980. No entanto, somente depois do ano 2000 foi possível observar uma organização de campos de estudos da Animação Sociocultural, com notável relação com o campo dos estudos do Lazer.

Em nosso país, o uso da nomenclatura “Animação Cultural” é mais comum, e é definido, segundo Melo, como:

“Uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica) pautada na idéia radical de mediação (que nunca deve significar imposição), que busca permitir compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais (considerando tensões que nesse âmbito se estabelecem) que concedem concretude à nossa existência cotidiana, construída com base no princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõem a idéia de indivíduos fortes para que tenhamos realmente uma construção democrática), sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do status quo e para a construção de uma sociedade mais justa. (...) É uma proposta de Pedagogia Social que não se restringe a um campo único de intervenção (pode ser implementado no âmbito do lazer, da escola, dos sindicatos, da família, enfim, qualquer espaço possível de educação), nem pode ser compreendida por somente uma área de conhecimento” (2006, p 28-29).

Analisando o conceito acima, compreendemos que, como tecnologia de educação, a Animação Cultural se configura como um conjunto de princípios que permitem o norteamento de metodologias de atuação em vários âmbitos. A preferência do termo tecnologia é empregada devido à sua natureza multidisciplinar, e não a uma produção científica puramente teórica.

Como destacado pelo estudioso, a idéia que fundamenta a Animação Cultural é a mediação. Assim, como a intervenção é realizada no âmbito da cultura, não seria interessante a imposição de conceitos e princípios, e sim a negociação e o diálogo. A idéia não é a “elitização” das formas de atuação, ou seja, alguns, no caso os animadores culturais, decidindo o que será difundido para as pessoas, nem de substituição, que pressupõe uma escala de valores culturais na qual as escolhas das pessoas devem ser trocadas pelo que os animadores decidirem. A Animação Cultural se pauta no princípio de que todos somos consumidores e produtores de cultura, por isso seu foco é na democratização e no diálogo.

Essa democratização se estabelece no momento em que diversas possibilidades de prazer sejam fruídas através de inúmeras manifestações da cultura, didaticamente configuradas como de massa, erudita e popular.

Muito dessa possibilidade é estimulada através da educação estética, ou seja, a educação dos sentidos, “despertamento” sensorial dos sujeitos para outros valores antes não experimentados e/ou desconhecidos. Dessa forma, a educação estética pode ajudar a pessoa a aumentar seu senso crítico e, assim, seu prisma de escolha. Lembrando sempre que se trata de um processo assentado na mediação, permitindo e incentivando as pessoas a conhecerem e vivenciarem diferentes manifestações. O importante, então, é a consciência frente à escolha.

Outro princípio fundamental da Animação Cultural é a participação comunitária. As pessoas às quais se destina a atuação dos animadores são vistas como sujeitos ativos do processo e são incluídas no planejamento e desenvolvimento das atividades. O objetivo do animador cultural é fortalecer os indivíduos criticamente e dessa maneira fortalecer o grupo como um todo. A intervenção desse profissional ou voluntário não é muito ortodoxa, pois muitas vezes se pretende “desorganizar”/”desconstruir” as idéias vigentes e fazer com que o grupo repense suas posturas e suas verdades. Não é função da Animação Cultural usar elementos da arte e da cultura para ensinar valores, e sim educar para a arte e a cultura, promovendo uma espécie de alfabetização cultural, facilitando assim o acesso às várias linguagens.

Por tais motivos que as propostas da Animação Cultural, em sua maioria, se dirigem a grupos pequenos, facilitando um tipo de intervenção que por si só é complexa, visando a transformação da comunidade em vários âmbitos: econômico, político, cultural e educativo.

Ainda segundo Melo (2006), existe três eixos fundamentais que caracterizam a intervenção no âmbito da animação cultural: o cultural – o animador cultural trabalhando no âmbito da cultura e contando com ela para o desenvolvimento da mediação; a ação comunitária – buscando a identidade do grupo e sua participação social, seja na democratização cultural, seja na participação política onde estão inseridos; e a educação, principalmente para o lazer⁴, através do diálogo com a cultura e a sensibilização estética, que

⁴ Muito se reflete na área de estudos sobre o Lazer, a respeito de seu duplo aspecto educativo: “Educação para o Lazer”, ou seja, o lazer como objeto da educação, que trata da importância de se vivenciar esse direito social de maneira crítica e criativa; e “Educação pelo Lazer”, discussão que considera as possibilidades desse como um veículo de educação, com potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tal entendimento pode ampliar as chances de se romper com o sistema visualizado no início do texto, formando

amplia as possibilidades de prazer dos indivíduos e os forma criticamente em relação às diversas manifestações culturais.

Relembrando que a animação cultural como tecnologia educacional se capacita a introduzir em diversos espaços. Contudo, como pensar a organização comunitária no âmbito do Turismo, uma vez que a primeira vista aborda um público sem vínculos ou alguma identidade comunitária?

Animação Turística e Animação Cultural – Aproximações

O conceito de Animação Turística no Brasil, de certa forma, é ainda nebuloso, confundindo-se com o conceito de recreação (oferecimento de atividades) ou de entretenimento (formas de passar o tempo), com a diferença de que essas atividades se desenvolvem em espaços/ equipamentos turísticos.

Torres (2004, p. 3), além de informar que se trata do setor mais novo no campo do turismo tendo como origem as intervenções em cruzeiros marítimos e em acampamentos, apresenta uma concepção sobre a Animação Turística, dizendo que concerne a um “[...] conjunto de programas elaboradas com finalidade de humanizar uma viagem, fazendo com que o Turista se integre nela e participe ativamente”.

Apesar de não aparecer nessa definição, a autora traz em todo o seu livro elementos que aproximam a Animação Turística dos modelos criticados por nós no início desse texto, como a preocupação com o divertimento, em um sentido de descontração, de fuga dos problemas cotidianos. Além do mais, esse esforço estaria mais ligado a uma preocupação econômica (animar os turistas para prolongar a sua estadia e gerar mais receita para o empreendimento) do que sociocultural (como os abordados na Animação Cultural).

Mesmo estando a atividade turística mais aproximada com estes tipos de visões, às quais, no sentido que tratamos nesse texto, impossibilitam um projeto de Animação Cultural pleno em seus fundamentos, os princípios dessa tecnologia poderiam iluminar novas práticas no âmbito do turismo.

Como ponto de partida, propomos fazer uma reflexão sobre a organização comunitária que é um eixo fundamental da Animação Cultural no que diz respeito à sua tradição histórica.

Como lidar com esse aspecto se no espaço de um hotel de lazer onde se pressupõe a presença de um grupo de desconhecidos?

A princípio não haveria vínculos possíveis ou tempo suficiente para que tais conexões fossem criados, mas podemos pensar em aspectos em comum que reuniriam tal grupo, muitas vezes ligados ao espaço ao qual o hotel está inserido. Pode-se também pensar na fomentação da autonomia do grupo como participante ativo da programação das atividades, ou intervenções e sugestões no espaço ou serviço oferecido.

Muitas vezes uma total “mobilização social” não é possível de se promover nesses espaços, devido ao curto período de tempo em que os hóspedes convivem, mas a intervenção do profissional de posse dos fundamentos da Animação Cultural pode fazer com que a participação de tais indivíduos na sociedade seja repensada, através de vivências nos momentos de lazer. Um trabalho de educação estética pode sensibilizar o turista a respeito de questões políticas, artísticas, de educação ambiental, entre outros.

Outro eixo importante a se pensar é como articular a educação para e através da arte no espaço do Hotel de Lazer, uma vez que essa é um dos princípios fundamentais da Animação Cultural. É um equívoco comum em espaços ligados ao turismo de lazer considerar atividades intelectuais ou ligadas à arte inadequadas para os momentos de tempo livre, equívoco esse que tem como gênese a idéia de que nesses momentos deve-se esquecer da vida, não ter que pensar em nada e fazer o mínimo esforço possível.

Destacamos o que foi colocado ao se falar da nomenclatura do Hotel de Lazer: são espaços destinados especialmente à recreação e entretenimento dos hóspedes. Provavelmente esse pensamento seja uma herança do entendimento de lazer que impera no campo de estudos e atuação no Turismo. É comum observar na programação dos hotéis “oficinas de arte” destinadas às crianças. Entretanto, por trás desse termo muitas vezes o que se observa são oficinas de atividades manuais: colagem, pintura, modelagem, bijuteria; sem uma reflexão a respeito da arte, dos artistas, o que não tornaria o trabalho demasiadamente intelectualizado e ainda assim contribuiria para a formação cultural dos indivíduos. Há uma tendência em nossa sociedade em menoscar o conhecimento artístico, valorizando-o apenas como metodologia para ensinar algum conteúdo. Porém é importante avançar a respeito de tal percepção, e entender que:

“[...] não estamos falando da arte como um meio de educação. Ela é uma parte importante de nossa vida (não sendo reconhecida assim somente em virtude dos

quadros de tensões sociais) e possui uma ligação inextricável com a realidade. Portanto, a experiência artística (compreendida, ressalte-se, como produção de um objeto específico, mas também como diálogo crítico com as obras) passa a ser uma vivência fundamental para que os seres humanos melhor compreendam o que está a seu redor. A arte não tem uma função; é uma função. Não se trata de pensar somente em uma educação pela arte, mas fundamentalmente em uma educação para a arte” (MELO, 2006, p. 37).

É importante pensar que o espaço de lazer pode também ser espaço de diálogo com a arte, em vários aspectos. Não somente através de atividades manuais com crianças, mas para outras faixas etárias. Por que não a promoção de um curso sobre cinema ou a releitura de uma obra famosa? É importante pensar que os conteúdos intelectuais e artísticos também são campos de interesse importantes nos momentos de lazer.

RIBEIRO et. al. (2004), através de pesquisas realizadas na região de São Paulo, alertam que os Hotéis de Lazer costumam apresentar em sua maioria animadores formados em educação física, repercutindo, possivelmente, nos conteúdos trabalhados nesse meio. Assim, as atividades mais oferecidas reportam o universo desses profissionais, ou as práticas físico-esportivas, negligenciando outras formas de manifestação.

Um trabalho de educação estética aumenta as possibilidades de prazer dos indivíduos, apresentando-lhes outras possibilidades além das que eles conhecem, de fruição do tempo livre, sejam estas os sabores novos da culinária local, ou a admiração por manifestações da cultura popular de onde o hotel está inserido. Observamos que isso na maioria das vezes não se sucede, uma vez que o hotel muitas vezes é projetado para ficar totalmente alheio ao espaço onde se insere para que os hóspedes não sejam “incomodados” pela vida local.

Outro fundamento importante da Animação Cultural que pode fazer parte de programações em hotéis de lazer é a educação para o Lazer. Idéia que tem conexão direta com a educação estética, pois através do aumento de possibilidades de vivências, e o acesso a diversas linguagens, o indivíduo se torna mais crítico em seu tempo de lazer em relação ao que vai consumir.

Tais possibilidades podem parecer irreais, uma vez que se trata de ambiente privado, e as pessoas podem também não desejar ser “incomodadas” ao encontrar possibilidades diferentes do que estão acostumadas. Entretanto, um profissional de posse de metodologia adequada, baseado em princípios bem fundamentados, pode ser reconhecido pelo grupo e

aceito como mediador do mesmo. E, através do poder de convencimento e não da imposição, pode envolver as pessoas em seu projeto de animação.

Compreendemos que parece utópico encontrar um profissional dotado de conhecimentos de múltiplas linguagens e diversas possibilidades de intervenção. Porém, a demanda por profissionais multidisciplinares é uma realidade nas áreas como o lazer e o turismo. Uma equipe com profissionais de diversas áreas pode cumprir em parte um projeto baseado nos fundamentos da animação, mas é interessante que os profissionais busquem sua constante formação.

O animador cultural deve ter um compromisso com sua própria educação estética, sua formação cultural através da vivência constante de diversas manifestações. Dessa forma é possível pensar em inovação e recriação no âmbito da atuação dos profissionais do turismo e do lazer. Talvez um projeto significativo de Animação Turística fosse inspirado nos elementos que fundamentam a Animação Cultural, de maneira que a intervenção profissional no campo do turismo fosse preenchida com mais “alma” e o hóspede, em seu momento de lazer, pudesse pensar em seu papel na sociedade, como ser consumidor, criador e recriador de cultura.

Por tudo o que foi exposto, acreditamos que seja interessante distinguir o programador ou gestor cultural (relação que parece estar mais atrelado aos profissionais do turismo) do animador cultural, para que futuras confusões sejam evitadas. Assim, enquanto este último centra suas atuações nos resultados, na eficiência e na eficácia para se chegar a um produto cultural que venha a ser disponibilizado no mercado, o animador cultural sustenta suas ações nos processos participativos e criativos de seu público, podendo provocar inclusive mudanças na ordem estabelecida (VIVEIROS, 2007).

Referências Bibliográficas

GOMES, Christianne. L. (Org.). *Dicionário Crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO (EMBRATUR). Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br/portalmtur/opencms/institucional/legislacao/arquivos/deliberacao_normativa_n_429_23_abril_2002.html>. Acesso em: 10 abr. 2008.

STOPPA, Edmur A.; ISAYAMA, Hélder F.; Lazer e Mercado de trabalho e atuação profissional. In: WERNECK, Christianne L. G.; STOPPA, Edmur A.; ISAYAMA, Hélder F. *Lazer e Mercado*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

- LANGER, Susanne K. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LOPES, Marcelino de Sousa. A animação sociocultural em Portugal. *Animador sociocultural: revista iberoamericana*, Salamanca, v.1, n.1, out-fev. 2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/>. Acesso em: 22 jun 2007.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. São Paulo: Papirus, 1990
- MARCELLINO, Nelson C. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. *Licere*, v. 3, n. 1, p. 125-133, 2000.
- MASCARENHAS, Gilmar. Contribuições da Geografia ao estudo do Lazer. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE. 2007, 8, Coletânea... Rio de Janeiro. A Temática Lazer no Âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.147-165.
- MELO, Victor Andrade de. *A animação cultural: conceitos e propostas*. Campinas: Papirus, 2006.
- RIBEIRO, Olívia C. F. A atuação do profissional do lazer nos hotéis: proporcionando o prazer ou a obrigação? *Licere*, v. 5, n. 1, 2002, p. 93-100.
- RIBEIRO, Olívia C. F.; QUEIROZ, Emerso; SOUZA, Luciana M. De. Os hotéis de lazer no estado de São Paulo: um diagnóstico. *Licere*, v. 7, n. 1, 2004, p. 25-34.
- TRILLA, Jaume Bernet. Concepto, discurso y universo de la animación sociocultural. In: TRILLA, Jaume (coord.). *Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos*. Barcelona: Ariel, p.13-39, 1997.
- TORRES, Zilah Barbosa. *Animação turística*. 3 ed. São Paulo: Roca, 2004.
- VIVEIROS, Albino L. N. Os desafios que se colocam à animação sociocultural. Uma visão a partir da região autônoma da Madeira. *Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana*, v. 1, n. 2, mai-set 2007. disponível em: < <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/>>. Acesso em 22 jun 2007.